

Tópicos de Linguagem Médica

Prof. Dr. Luiz Antônio Silva¹

Resumo: O presente artigo consiste numa breve análise sobre a importância da produção de textos descritivos para formar futuros médicos e para prática profissional da medicina. Para fundamentar tal relevância usamos como exemplo as formas e descrição realizada no artigo de Oliver Sacks, “O último hippie”.

Palavras-chave: Descrição, formação médica, Oliver Sacks, linguagem, prática médica.

Abstract: *This article is a brief analysis of the importance of production of texts to student of medical schools and professional practice of doctors. To support such important we use as example forms and description made by Oliver Sacks in him text “The last Hippie”.*

Keywords: *description, medical training, Oliver Sacks, language, medical practice.*

A habilidade de descrever e a formação médica

No último número desta revista, apresentamos uma reflexão sobre a importância da narrativa, especialmente da narrativa literária, para a formação médica. Neste artigo, abordaremos a importância da produção de textos descritivos para formação médica e, conseqüentemente, para prática médica. Isso consiste numa reflexão de caráter interdisciplinar, na qual fundamentos dos estudos linguísticos e da clínica médica podem nos fornecer elementos relevantes para o desenvolvimento de atividades pedagógicas nas escolas de medicina, assim como para capacitação de profissionais de medicina.

Para Othon M. Garcia, no seu famoso livro “Comunicação em prosa moderna”, “descrição é apresentação verbal de um objeto, ser, coisa, paisagem (...), através da indicação dos aspectos mais característicos, dos traços predominantes, dispostos em tal forma e em tal ordem (...)”. Segundo Garcia, há dois tipos de descrição: a descrição literária e descrição técnica. (GARCIA, 2010)

¹ Professor de Linguagem Médica na Escola Medicina, historiador e mestre e doutor em letras.

A descrição literária é caracterizada pela ausência de exatidão e minúcia, pois sua finalidade é transmitir a impressão que um objeto ou um ser desperta em nossa consciência. Isso é mais do que uma fotografia, porque é simultaneamente uma interpretação. Nesse tipo de descrição é preciso ressaltar os aspectos que mais impressionam os sentidos, dando destaque aos seus detalhes e singularidades. Busca-se uma imagem do objeto em uma cópia, como ocorre na descrição técnica. Outros autores chamam esse tipo de descrição com descrição subjetiva.

Por outro lado, a descrição técnica é marcada pela minúcia, pela objetividade, pelos detalhes, pela maior precisão vocabular e uso da linguagem mais sóbria. Sua finalidade é esclarecer, convencendo o leitor. Ou seja, a descrição é denotativa ao contrário da descrição literária que é conotativa.

Tanto para a formação quanto para prática médica, o domínio dessas duas formas de descrição são muito importante. Isso porque, a descrição técnica é usada para descrever objetivamente órgãos, tecidos, malformações e ferimentos, sinais, sintomas, lesões etc. No estudo da anatomia, por exemplo, a descrição objetiva é fundamental para compreensão detalhada do corpo humano.

Ao mesmo tempo, não podemos descartar o desenvolvimento da habilidade de descrever literariamente, pois esse tipo de descrição está ligada à expressividade e à subjetividade, permitindo uma maior aproximação com leitor. Um relato dos sintomas de uma doença feito a partir da descrição literária pode produzir um maior interesse do leitor sobre aquele ser humano que está sofrendo. Ao passo, que uma descrição objetiva e fria de um organismo que não está em perfeito funcionamento não produz esse efeito de empatia e ou compaixão, pois isso somente transmite informações sem emoções.

Identificamos Oliver Sacks, neurologista britânico e falecido no ano passado, como um médico que tinha grande capacidade para desenvolver textos descritivos que mesclam descrições técnicas com literárias, pois na leitura da maior parte de seus artigos, publicados em suas famosas obras, percebemos o uso da descrição para fazer verdadeiros retratos de seus pacientes e “pinturas” verbais de ambientes e paisagens.

Tal recurso textual foi muito usando por Sacks para apresentar melhor ao leitor como foram configurados os diagnósticos que ele fez de seus pacientes. Ao mesmo tempo, a partir dos recursos da descrição literária, Sacks conseguiu transformar seus pacientes em uma espécie de personagens literários, complexos, misteriosos e que despertam emoções e um maior interesse do

leitor. Devido a tais características os livros que Oliver Sacks escreveu foram traduzidos em diversas línguas e muitos dos seus relatos clínicos foram transformados em roteiros de filmes famosos como “O tempo de despertar”, “A música nunca para” e outros.

No artigo “O último Hippie”, publicado no livro “Um antropólogo em Marte”, Oliver Sacks aborda um estranho caso de um paciente identificado como Greg. Greg foi um jovem nova-iorquino, rebelde, criativo e questionador dos anos 60 e posteriormente passou a seguir os Hare Krishna. Ele se identificou com os preceitos da seita e em pouco tempo foi para o templo dos Hare Krishna no sul dos EUA. Nesse momento, Greg começou a sentir sua visão turva, passou a perder pelos e cabelos, a engordar e sua personalidade foi alterada, ficando apático e extremamente calmo. (SACKS, 1995).

Esses sintomas foram interpretados pelos membros do templo como uma elevação espiritual e esse quadro se agravou, porque Greg ficou assim por mais de cinco anos, sem fazer consultas médicas e sem ter contato com seus pais. Finalmente, quando seus pais resolveram visitá-lo o encontraram completamente modificado: obeso, alopecico, cego, sem conseguir andar e com apraxia. O pai e a mãe de Greg resolveram buscar ajuda médica e foi constatado que era preciso ser feita uma avaliação com um neurologista. Foi assim que o caso de Greg chegou ao Dr. Oliver Sacks. Dr. Sacks nos apresenta inicialmente a sua descrição de Greg para demonstrar melhor o passo a passo da sua elaboração diagnóstica, isso ocorreu em 1977 no setor de doentes crônicos do hospital Williamsbridge:

(...) Desprovido de cabelo e pêlos faciais e com maneiras infantis, parecia mais jovem que seus 25 anos. Estava gordo, como um buda, com um rosto vago e afável, e os olhos cegos vagando ao acaso nas órbitas, enquanto permanecia sentado, imóvel em sua cadeira de rodas. Faltava-lhe espontaneidade e não iniciava qualquer interação, mas respondeu pronta e apropriadamente quando me dirigi a ele, embora termos curiosos por vezes tomassem seu pensamento, fazendo emergir desvios associativos ou fragmentos de canções e rimas.(...) (SACKS, 1995 p.61)

Greg teve um tumor cerebral benigno que cresceu ao tamanho de uma laranja pequena que lesou partes importantes do tecido cerebral. Por esse motivo, ele perdeu a visão, perdeu cabelos e pelos, teve amnésia, passou a não andar mais e não tinha iniciativa ou planejamento de ações. Devido à amnésia

de fatos posteriores a lesão, Greg só conseguia se lembrar de fatos anteriores aos anos 1968 e 1969. Por esse motivo, Olivier Sacks usa a linguagem conotativa e apelida o seu paciente de “O Último Hippie”.

Entretanto, para apresentar detalhadamente os danos do tumor ao cérebro de Greg, Sacks usou a descrição objetiva:

A visualização do cérebro mostrou um enorme tumor de linha mediana, destruindo a glândula pituitária [hipófise] e região do quiasma óptico adjacente e se estendendo para ambos os lados do lobo frontal. Também atingia, para trás, os lobos posteriores e temporais e, em declive, o diencéfalo ou pró-encéfalo. (SACKS, 1995 p.61)

A partir desses dois exemplos, constatamos como o neurologista usou as descrições, literária e técnica, para relatar um singular caso de um homem que ficou preso no passado. O domínio do uso da linguagem permitiu a Sacks tanto a transmissão do conhecimento técnico da prática médica, quanto a estabelecer conexões emocionais com seus leitores. O resultado disso foi a construção de artigo cativante, emocionante e altamente instrutivo, sem ter exagerado do aspecto técnico ou do aspecto subjetivo da história de um homem que praticamente se transformou em outra pessoa a partir da combinação de lesões no seu cérebro.

Por esse motivo, acreditamos que é necessário o treinamento do uso de técnicas de descrição com os futuros médicos, pois isso permitirá o desenvolvimento da sua capacidade de observar e descrever objetivamente o organismo humano em funcionamento e ao mesmo tempo criar meios de fazer com que pacientes sejam vistos como seres humanos. Assim, é possível transgredimos por meio da linguagem o processo de

formação do típico médico frio, desinteressando no ser humano e apenas preocupado com a doença e o funcionamento do corpo.

Numa dimensão prática, os textos de profissionais da medicina podem ficar mais ricos quando há o domínio de técnicas de descrição. Ao mesmo tempo, isso vai de encontro ao objetivo de aprimorar a linguagem médica na intenção de humanizar mais a relação entre médicos e pacientes. Nesse sentido, destacamos novamente a relevância que o estudo da linguagem tem na formação médica e os esforços que a Escola de Medicina Souza Marques tem feito para incorporar na grade curricular esse princípio por meio de disciplinas como Linguagem Médica, Medicina Social, Iniciação Científica e outras. Isso faz com que a proposta pedagógica dessa Escola de Medicina esteja trilhando os caminhos de Escolas Médicas do mundo todo que apostam numa formação mais humana do médico como o caso da Escola de Medicina da Universidade de Yale, nos EUA, e outras.

Referências Bibliográficas: GARCIA, Othon M. Comunicação em prosa moderna: aprender a escrever, aprendendo a pensar. 27ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2010.

SACKS, Oliver. Um antropólogo em Marte: sete histórias paradoxais. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.